

## **Os cristais do sal**

# OS CRISTAIS DO SAL

*Cristina Bendek*

Tradução de Silvia Massimini Felix





## *Sumário*

9	I. A maldita circunstância
27	II. Anotações de regresso
45	III. Divisões
61	IV. <i>Likle Gough</i>
85	V. <i>Bowie gully</i>
109	VI. Os papéis do tempo
115	VII. North End
129	VIII. Os cristais de sal
149	IX. Iguanas no telhado
161	X. O Caribe sul-ocidental
175	XI. Crioulos e chuva
189	XII. Otto

*Para as ilhas, para o seu poderoso espírito.*

*Aos meus pais e meus avós.*

*Às minhas irmãs, Karen e Angela. Ao meu irmão, Antonio.  
A todos os meus amigos, que imprimiram seu ritmo a estas linhas.*

*Para Aura María, que descansa no mar.*

*Pretend that this is a time of miracles and we believe in them.*

Edwidge Danticat, *Krik? Krak!*

*Se quisermos que tudo continue como está,  
é necessário que tudo mude.*

Giuseppe Tomasi di Lampedusa, *O leopardo*



## I. A MALDITA CIRCUNSTÂNCIA

Eu sou desta ilha do Caribe.

Nasci há vinte e nove anos numa curiosa formação de coral, a casa de um monte de gente que veio confluír aqui, nem todos de boa vontade. Mal reconheço esse núcleo surrealista do qual me autoexilei há quinze anos, de onde saí correndo quando todos os que podem fogem, depois do colégio. Os mosquitos ainda não me reconhecem, nem o sol, e sou mais estrangeira que nativa. As gírias, o jeito de falar, a maneira de se movimentar e fazer as coisas me parecem exóticos agora, em vez de comuns, como antes. Cada palavra mal pronunciada ativa um alarme, cada sinal de intimidade excessiva e cada arranjo improvisado, a falta de vontade e a sensação de que tudo é feito pela metade. Tudo isso parece estar tocando em portas fechadas, levando a despertar uma horda de habitantes desconhecidos, adormecidos, dentro de mim.

Meu solo natal é uma ilha diminuta num arquipélago gigante que não consegue sair completo nos mapas da Colômbia. A vida aqui é como um diálogo aberto entre os anseios e a letargia, sente-se a passagem do tempo nos metais enferrujados, nos coqueiros que já não dão coco e nos rostos de pele curtida. Voltei a ver esses rostos, esses olhos inquisidores, nos primeiros dias, quando quis ir ao sul e tomei o caminho errado. Contrariando todas as expectativas, me perdi num trajeto circular que, depois de uma hora de percurso, nos leva ao mesmo ponto do início. O ônibus me deixou num lugar da avenida Circunvalar, entre a Caverna de Morgan e El Cove. Então tive tempo para pensar, no abrasador caminho de uns três quilômetros, até que apareceu outro ônibus que vinha da estrada Tom Hooker. Sob o sol da tarde, achei que eu tinha andado o triplo, senti que a ilha se ampliava a cada passo que eu dava, que assim zombava de que eu a achasse tão pequena, tudo sempre com o mar por todos os lados.

As alergias das picadas nas minhas pernas, grandes círculos rosados que no primeiro dia me deram um susto, vão cedendo depois

de duas semanas de ataque. A brisa é úmida e fresca a essa hora. A varanda dos fundos do segundo andar é meu refúgio, uma alternativa para escapar ao calor da casa. Não tenho ar-condicionado, mas tenho uísque. Uísque barato, Black & White. É o que havia na loja. Minha mesinha de apoio é uma caixa de som velha revestida de madeira, na qual se vê o círculo líquido do fundo do copo, molhando um par de folhas soltas que decidi encher de rabiscos. Sou uma moradora a mais num longo verão, outra das que saem para refrescar o suor nos terraços na hora que as cigarras começam a cantar, e o vento levanta o pó de ruas cheias de gente.

Um trago frio desce pela minha garganta. O barulho do gelo derretendo no copo. Ah, desse barulho nasce agora um prazer discreto, uma calma na qual minhas costas, doloridas, se relaxam, meus braços se soltam. Ouço relinchos, bufadas. O galo do vizinho canta a essa hora, como em outra qualquer. Canta quando lhe dá vontade. Os animais anunciam o fim do dia, eu o recebo bebendo para me perder entre os ruídos e os pontinhos lá no céu, nas constelações que nos olham como sempre, visíveis aqui, longe da cidade.

Cidade, minha nova versão de inferno.

Há um mês, olhava pela minha janela de altura dupla para a cafeteria estrangeira que fica na esquina da rua Río Balsas, no México, quando soou o interfone. Cinco andares abaixo, o porteiro me avisava que traziam um pacote para mim, pedi a ele que deixasse a pessoa subir e esperei na porta. Do elevador saiu o motorista do meu ex. Vinha me deixar uma caixa com correspondências enviadas antes que eu me mudasse, e uma cartinha colegial com uma letra desengonçada que me pedia um momento para conversar. Disse ao motorista que esperasse e escrevi no mesmo papel: “Não”. Entrei, joguei a caixa no chão, vesti uns jeans desbotados, tênis e camiseta branca, e saí para andar de novo pela cidade, ainda sem ter tomado banho. Fui percorrer a cidade com calma, como fazia quando era recém-chegada, quando ainda ficava deslumbrada com as fachadas neocoloniais, o *art déco* e os monumentos à História.

Meu divórcio, como costume chamá-lo, coincidiu com um te-

lefonema da encarregada de cuidar desta casa na ilha. Dos seis mil quilômetros dos quais me falava com aquele sotaque que desde criança sempre associo ao carinho, me contou que estava vendendo suas coisas para deixar San Andrés definitivamente. Sua mãe estava doente e sozinha num povoado de Sucre, e além disso a vida aqui lhe parecia cada vez mais angustiante. Ela me pedia indicações sobre com quem deixar as chaves da casa a partir de meados de julho. Eu lhe disse que telefonaria para ela na segunda-feira seguinte e desliguei. Pensei num milhão de coisas, mas para mim foi muito fácil unir os pontos.

Naquele sábado, depois de desligar, comecei contando meus passos, que sentia retumbar nas têmporas, ainda aturdida por uma recente recaída. Caminhei sem parar, prestando atenção nos bares e restaurantes vazios. A essa hora o bairro ainda estava desabitado, ao contrário do centro da cidade. Não cumprimentei ninguém no percurso, apesar de os rostos serem todos conhecidos meus. Depois de um tempo, de um certo número de contatos e de rotinas diárias, a gente começa a sentir qualquer lugar como uma aldeia, por maior que seja.

Andei até que perdi a conta, teria chegado até a Basílica de Guadalupe, até o Cerro del Tepeyac, mas voltei atrás na Glorieta de Cuitláhuac em direção à avenida Juárez. Passei o Palacio de Bellas Artes e o imponente edifício dos correios, tomei o calçadão da Madero até o Zócalo, comecei a ver pessoas repetidas, constantemente, como se meu entorno estivesse se ampliando, se desdobrando como se desdobra um maço de papel picado, à minha direita, à minha esquerda, com figurinhas iguais, sobre um fundo estéril de concreto. A melodia que vinha do realejo da esquina, acionado com uma alavanca pelo braço cansado do pedinte, me fez ver a cidade como a paródia de um circo barato. Depois de ver a bandeira esvoaçante na Plaza de la Constitución e as tendas brancas de uma longa vigília pelos estudantes desaparecidos de Ayotzinapa, voltei ao bairro Cuauhtémoc. Peguei o Paseo de la Reforma até a zona coreana, olhando de novo para a coluna de Niké, disposta no meio de uma rotatória no cruzamento com a avenida Florencia.

Recordei como me sentia poderosa quando via o anjo banhado em ouro. Pensei que era outra a pessoa que desfrutara dessas noites calmas, quando encontrava algum lugar para sentar e ficava absorta olhando para a deusa iluminada pelo neon violeta, vendo a sombra imponente do leão de bronze projetada nas fachadas dos arranha-céus. A deusa, sua voz que antes soava na minha cabeça, ficou calada, não interrompeu meu mal-estar nem minhas dúvidas, como se essa parte da minha consciência tivesse me dado permissão de me entregar. Olhei-a de relance, com tristeza submissa, sem forças para sentir raiva.

Peguei o celular e pus os fones de ouvido. Liguei para uma colega do escritório em que eu trabalhava e que morava ali perto, combinamos de nos encontrar num café. Eu precisava de ajuda com um pedido de seguro e duas renovações, contei-lhe que ia viajar por algumas semanas, talvez alguns meses. Ofereci-lhe parte das minhas comissões para que cuidasse da minha clientela pelo tempo em que eu estivesse longe, “quanto tempo você vai ficar, então? E Roberto?” perguntou com seu acentuadíssimo sotaque *chilango*.<sup>1</sup> Observei-me com seus grandes olhos escuros, sombreados. Quem sabe quanto tempo, eu disse. Fiquei umas duas horas com ela e telefonei, no caminho de volta, para uma pessoa que eu sabia que ficaria interessada na cessão do meu contrato de aluguel recém-renovado. O apartamento, de dois quartos e uma imensa sala de estar, ficava num edifício que ganhara prêmios de arquitetura, de estilo funcionalista. Eu tinha levado bastante tempo para ajeitá-lo do jeito que eu queria, estava mobiliado parcialmente de um jeito eclético e se localizava no centro, mas era silencioso. Eu alugaria apenas um depósito para guardar alguns móveis e umas tantas roupas que não me serviriam de forma alguma no Caribe.

Fui embora angustiada, embora na verdade a cidade não tenha me oposto resistência. Claro que me chamaram, amigos, colegas, potenciais novos amantes. Claro que eu teria suportado mais, po-

---

<sup>1</sup> *Chilango* é um termo utilizado para se referir a uma pessoa nascida na Cidade do México. (N. T.)

rém para quê? Poder só para demonstrar que posso, machucar-me só para satisfazer o passado com suas decisões, para não quebrar comigo mesma algumas promessas como se fossem uma camisa de força, ocupar-me, distrair-me para me salvar do medo que senti depois do acidente dos meus pais e do meu diagnóstico. Anos atrás eu teria preferido me despedaçar viva, apenas para não voltar nunca mais a San Andrés, para não percorrer de novo os mesmos passos, que é aquilo que alguém faz quando não tem a mínima ideia do que quer.

O copo transpira sem parar, os últimos cubinhos naufragam até se desfazer. De tanto em tanto, o instinto me faz olhar mais uma vez os rodapés e os cantos do teto. Por sorte dessa vez não encontrei nada, não vejo baratas no terraço, apenas um par de salamandras que o atravessam cantando. Volto à minha mesinha de apoio, da qual não sai uma música há pelo menos vinte anos. Também não preciso dela. Muito longe, no limite do som, além do ruído das turbinas, soa um acordeão.

O voo de regresso à Colômbia foi a coisa mais agradável que eu vivi em muito tempo, devo dizer, mais que os voos para convenções e os sucessos comerciais, mais que as súplicas de Roberto ou que as despedidas dos amigos. Quando decolamos vi, através dos olhos inchados de dor, os dois vulcões no Vale do México, os dois amantes, o guerreiro e a princesa. Iztaccíhuatl, a mulher adormecida, aparecia rochosa e despojada de sua copa nevada, e Popocatepetl, fumegando. Novamente, senti a magia dessa despedida, como quando a ruína moderna que ocupa o sopé dos amantes me fisgou pela primeira vez. Em que momento, em que momento o encanto se desfez? Não sei dizer. A Cidade do México foi renovadora, aprendi a viver com minha condição crônica, a tomar mescal sem que minha glicose disparasse e a amar um estranho que me ofereceu o que pôde.

Depois, pouco a pouco, a cidade me devorou inteira, com seus vícios, seu machismo e sua chuva ácida, com a camada de poluição que a recobre dia após dia, com as pessoas hipócritas, com Roberto e suas mentiras. Um dia comprei uma revista da qual caiu um folheto em que aparecia o Caribe. De repente me lembrei de que eu

vinha de lá, daquele mundo de beleza exagerada. Depois do pior ataque de hipoglicemia que tive desde a morte dos meus pais, depois de um dia de merda que acabou com um desmaio no meio do trânsito da cidade, decidi que precisava estar aqui, isolada, sozinha.

Os cachorros latem.

As cigarras me fazem esquecer, seu barulhinho ritmado me relaxa e eu deixo de pensar por um instante que a glicose precisa estar abaixo de 130 mg/dL, que abaixo de 70 posso desmaiar, que tudo isso eu aprendi como se estivesse me distraíndo do luto de muitos anos, para que eu também não morresse. Mas minha cabeça volta a repetir, como um raio, um kit com informações de sobrevivência. Eu picava os dedos todos os dias, o dia inteiro, tinha pequenos calos nas pontas dos dedos e cada uma das três injeções diárias de insulina era uma tortura. Já não me doem, nem as sinto mais. Depois saiu o sensor que uso agora, meço meus níveis de glicose passando o monitor preto. Agora ele aponta 100, estável, pelas últimas duas horas. Tenho sempre que contar, é uma operação automática: contar gramas de carboidratos e açúcar, calcular unidades de insulina, contar horas de jejum, calorias, tempo de atividade física. Agora que penso nisso, minha vida era mais fácil aqui.

San Andrés é, por um lado, tal como a recordei quando vi o panfleto da *Forbes Travel*, considerando que sabia que não é luxuosa e organizada, como as imagens conhecidas de Curaçao ou das Ilhas Virgens Britânicas. A beleza do mar é cativante, parece ser exatamente o mesmo que era da última vez que o vi através da janelinha do avião, quando decolava de uma escala em Bogotá. Com certeza, agora que perdi o costume, vou me apaixonar de novo pela paisagem. Também sei que, ao menos esse Caribe, é um desastre completo. E sei que é lento, tem seu próprio compasso. Reclamar não adianta muito. Ninguém se importa em desmarcar encontros, cancelá-los em cima da hora ou duas horas mais tarde, os trabalhadores menos ainda. Fazer um plano aqui é uma teimosia; faz-se mais por manter uma formalidade do que com a intenção de realizá-lo. A qualquer momento pode acontecer algo inesperado, e a melhor coisa é me manter aberta para não perder a paciência, por pura saúde mental.

Sobrevoar o arquipélago foi muito emocionante. Estava exausta da saída do vale, de tantas despedidas inconclusas e da escala em Bogotá. Depois de uma hora e meia de voo senti o início da última descida e o leito azul-escuro começou a riscar-se de verdes vivos. Fechei os olhos e comecei a recriar a sensação da água salgada rodeando meu corpo. Logo as ilhotas do sudeste apareceram, não me lembrava disso, ou talvez nunca soube, mas a perspectiva aérea as converte numa enorme mariposa ladeada pela espuma branca das ondas que se quebram contra os arrecifes. O avião vira à direita, desce um pouco mais e aparece algo incrível entre as nuvens, o famoso cavalo-marinho, entregue ao seu elemento, delineado pela costa de praias e rochas. Ali do céu, a ilha parece esse animalzinho, um navegador, uma parte desse arquipélago de coincidências fantásticas. Como esse território é pequeno. O avião sobrevoa pela parte oeste, acima do mar, até que toca a terra e freia de repente na curta pista da asa norte. As pessoas aplaudiram a aterrissagem, chegaram ao paraíso, embora dos dois lados da pista as casinhas de madeira estejam quase todas descascadas, as ruas esburacadas e poeirentas. Depois, senti aquele cheiro peculiar quando a porta do avião se abriu; o sal, o cheiro da pesca fresca, o coco. Protestei: ainda se descia do avião de escada, tropeçando com a bagagem de mão? Olhei para a minha direita, para a casa de teto triangular que é o aeroporto, ambas as pontes de embarque pendiam flácidas do edifício mal pintado. Minha vista ficou um pouco ofuscada. Olhei para a frente e vi as canoinhas e as lanchas, estacionadas atrás do pequeno quebra-mar da peixaria, a estrada da cabeceira da pista e a ilha Johnny Cay, que eu achei que tinha se deslocado em direção a San Andrés e parecia gigante, e assim parei de reclamar, vendo as gaivotas e os alcatrazes voarem. Rapidamente meu ânimo se inundou de um sentimento de gratidão que por pouco não me faz chorar. Mais dois aviões deixavam seus passageiros sobre a plataforma sem sinalização do aeroporto Gustavo Rojas Pinilla, três sujeitos desciam aos tropeços uma velhinha na sua cadeira de rodas pela escada de um Airbus operado por uma companhia que não reconheci.

Depois de andar pela rampa e de passar à frente dos turistas colombianos que usavam um pau de selfie para se fotografar com o avião ao fundo, a senhorita esguia que orientava os recém-chegados me indicou a fila cheia de passageiros do voo anterior. Tentei sorrir para ela, mas me saiu mais uma careta frívola e continuei em direção ao cubículo que registra a entrada dos residentes e *raizais*.<sup>2</sup>

Estou acostumada a parecer turista, e agora mais ainda, porque a sensação de calor não me deixa seguir o código de etiqueta local. Cumprimentei em inglês a funcionária da agência de controle de circulação e residência, ela me devolveu a saudação, me deu as boas-vindas e prossegui para pegar minha bagagem. A esteira estava quebrada e o escâner da polícia também. Caminhei pelo corredor do aeroporto em direção à fila de táxis, dois homens brigaram para me levar, eu perguntei o preço esclarecendo que sou da ilha; não iam me cobrar como se cobra a um turista. O motorista, um nativo magérrimo e altíssimo, riu de mim e me mostrou seu incisivo de ouro enquanto pegava minhas duas malas cambaleando, *di price is di siem: fifteen tousand pesos, miss!*

Continua sendo a mesma cidade, embora os semáforos sejam uma novidade. A rua principal saindo do aeroporto ainda não tem calçadas e o Chevrolet Caprice de escapamento aberto, no qual vim me balançando até chegar em casa, teve que se esquivar dos mesmos buracos de vinte anos atrás. A primeira entrada para o meu bairro, no qual tenho por vizinhos vários ex-governadores, é uma avenida longa, contígua à pista de aterrissagem, que mais adiante desemboca num bairro de assentamento irregular e chega até o lado oeste da ilha. Sarie Bay supostamente é um bairro de pessoas ricas, de celebridades da ilha, gente que ocupa cargos públicos e comerciantes famosos, mas essa avenida está sem ilu-

---

<sup>2</sup> *Raizal* é o modo pelo qual a cultura característica própria dos nativos dos arquipélagos de San Andrés, Providencia e Santa Catalina é definida. Embora estes também sejam conhecidos como sanandresanos, o adjetivo *raizal* corresponde a um grupo mais diversificado que inclui imigrantes nas ilhas durante o século XX. Os *raizales* têm uma identidade definida com base em sua história, suas manifestações culturais, sua linguagem e identidade. (N. T.)

minação mais ou menos há quinze anos, cercada pelos tijolos sem pintura do muro do aeroporto. Algumas criancinhas encardidas brincavam descalças entre umas poças d'água que nem sequer pareciam ter sido feitas aquele dia, uns garotos maiores haviam deixado no meio-fio suas bicicletas enferrujadas para se aproximar da pista por um dos buracos do muro, esperando ver a decolagem do próximo Airbus. Atravessando a rua, me surpreendi com algumas fachadas que anunciavam quartos ou pousadas para turistas; um grupo de quatro caras provavelmente colombianos, com trancinhas do tipo que as cartagenenses fazem na praia, estava saindo da rua da minha casa e ia em direção ao calçadão, no centro. Daqui a umas duas horas estarão bêbados até cair de vodca barata, pensei.

Eu me distraí nas últimas semanas fazendo o possível para atender as longas ligações de trabalho do México, o home office e, claro, as visitas dos vizinhos da minha rua. Nenhum nativo. Alguns vieram me cumprimentar, me viram varrendo a calçada e mexendo no jardim, e, com os dias, passaram para contar alguma história dos meus pais. Deixei cair algumas lágrimas. Lembravam de quando meu pai era radioamador e fazia a manutenção das antenas em La Loma. De quando minha mãe era do Rottary Club, ou das suas aulas de tênis no Clube Náutico, os passeios a cavalo, as idas de iate a Cayo Bolívar, as ceias de Natal, ou meu pai como comentarista de rádio num programa de salsa aos sábados: “a salsa é o gênero; o guaguancó, o chá-chá-chá, o son-bolero são ritmos da salsa”. A senhora da esquina me lembrou da visita dominical à igreja de São Judas, a do “patrono das causas impossíveis”, minha mãe sempre repetia a mesma coisa. A senhora recordou seu *ajiaco*,<sup>3</sup> admirada de como acabava rápido nos bazares da semana santa, e dos anos em que foram comerciantes. Aqui em frente estava sempre estacionado aquele Sedan, que foi o único do seu modelo durante muito tempo, e no terraço, atrás do portão de grades brancas, a Harley Davidson do meu pai. A senhora do lado, outra das que me viu

---

3 *Ajiaco* é o nome dado a um tipo de ensopado que tem como base vários legumes ou tubérculos, como por exemplo batata, cortados em pedaços, e pequenos pedaços de carnes diversas. (N. T.)

crescer, viúva há tempos, conversou comigo, aparentando desespero em sua cara de quem acabou de acordar, certa manhã antes das sete quando saí para jogar o lixo e pegar folhas de babosa para fazer um suco. Estava de pijamas e descalça, e dali do seu terraço cheio de samambaias me disse: “Você vai ficar aqui? Não fique”, desculpou-se com uma vassoura nas mãos, “é que aqui não tem futuro.” Num momento de distração, respondi apenas que sim.

Talvez ela tivesse razão, em San Andrés o que existe é o puro presente. Lembrei-me da ridícula emissora mexicana no dia em que quase morri no trânsito. Pensei nessa senhora como se fosse minha mãe, que sofria nos dias em que alguma empregada doméstica lhe dava o cano e se chateava de ter de carregar o peso todo da casa nas costas. A mim, apesar de tudo, me parece pouco.

A casa está tão vazia que quase posso escutar o eco das minhas próprias queixas vindo de algum dos três quartos abafados. Escuto, é claro, a voz dos meus pais, seus passos ainda, por essas escadas de pedra, e as mãos no corrimão. O que tenho, agora que a casa está decente, é tempo para não fazer nada, para preencher os dias e as noites com o que for, com o desabafo das perguntas, as histórias mentais, as mentiras que digo a mim mesma, essas anotações desordenadas.

Por ora não quero mais saber de concertos. Antes de ir embora, a mulher que cuidou da casa por muitos anos me ajudou a limpá-la, a arrumar as coisas do meu jeito, mas sobretudo a receber o cortejo de trabalhadores. Os acordos foram variados, semanas de pó e de conversas exóticas que me refrescaram o sotaque costeiro e as gírias populares. Arrumei a geladeira, a máquina de lavar, os banheiros e o fogão a gás. Pinteí a frente da casa e fui atrás de um jardineiro para dar um jeito nas figueiras altas que estavam meio mortas. Depois de praticamente implorar a encanadores, técnicos de refrigeração, eletricitas, pintores e mestres de obra, depois de muitas esperas em vão, resolvemos o básico. Os cupins tinham se aninhado no quartinho dos fundos e baratas pequenas apareciam a todo instante no banheiro do segundo andar. Chamei um dedetizador por recomendação de um vizinho e as paredes ficaram co-

bertas de azeite, o teto, os armários, as panelas, tudo. Nunca me haviam doído tanto as mãos, o corpo. Por causa do veneno, tive que passar a noite acampada no terraço do segundo andar. Finalmente, terminamos de lavar todos os cantos, de jogar fora sacos de lixo cheios de cadernos velhos e de enfeites quebrados. Tirei as imagens religiosas das paredes e pintei todo o interior de branco também. O forro ainda está desabando num dos quartos, com uma obra pela metade na qual não penso em embarcar tão cedo. Entre tanto alvoroço, subindo e descendo escadas, buscando ferramentas, cotando materiais e brigando com trabalhadores, não pensei em mais nada além do imediato. Não vim aqui para me tornar escrava disso, precisava parar. A casa me parece maior que nunca, mas agora que tudo me pertence e não tenho como preenchê-la, estou sem ânimo para tomar decisões.

Acho que no fundo, inclusive antes que meus pais se divorciassem e se matassem numa estrada de Bogotá, sempre fui assim, desconsolada. Dentre os cadernos do colégio, conservei algumas páginas, escritas quando eu pensava que viver aqui era a pior coisa que podia ter me acontecido, que estar rodeada pelo mar era a pior circunstância na qual eu havia podido nascer, sobretudo pela profunda solidão de não ver meus traços no rosto de ninguém, de não entender nada. Aqui estão elas, dou um longo gole no uísque que me desce queimando, brindo sozinha, leio-as de novo:

Essa cidade me enche a paciência, já não tenho muita mesmo, não sei como adquiri essa qualidade entre minhas raízes. Suponho que minha ascendência é um grande punhado de ansiedade. E sou islenha, acredito, como a avô que conheci sobretudo por fotos. Sempre vivi neste lugar fora do mundo, mundo que aqui chega através do ancoradouro ou do aeroporto, ou está em livros já embolorados que se desmancham quando são abertos, que se desmontam letra por letra porque, lidos daqui, não significam nada. Todos nós somos tomados por uma solidão que se encerra entre as peles de várias cores. Lanço os olhos a tudo que vejo, é meu passatempo no caminho de quinze minutos da minha casa ao colégio nos dias que não passamos pela zona do Rock Hole, por

onde a essa hora não passa ninguém. Prefiro o caminho contíguo à praia e o desvio até a mesquita, por onde passeia pela rua uma manada de animais incertos, meu pai diz que parecem faisões. Observo os olhos dos árabes com quem compartilho a origem de um sobrenome, vejo suas exuberantes e pronunciadas sobrance-lhas como as minhas, ao lado de vitrines de ventiladores, tapetes e quinquilharias de plástico, de caixas desbotadas pelos raios de sol, ou de perfumarias com nomes em francês; procuro também, nos olhares dos nativos, pistas sobre meu cabelo encaracolado, meu queixo largo e meus pés quadrados. Que é isso, não há negros na família, insistem. Meus olhos são de um azul como o mar do entardecer, cercado por um aro amarelo, como um deserto.

Meus pais eram do continente, ambos vieram da Colômbia para cá porque tiveram oportunidade, mas minha avó paterna é isleña e é pelo lado dela que sou raizal, embora acredite que ela nunca tenha chamado a si mesma dessa forma. O lance de olhar nos olhos era uma obsessão, eu andava me comparando com tudo. Nunca entendi, não entendo ainda, o que significa ser tão diferente do resto dos raizais. Apenas agora, que escutei que os nativos queimaram suas cédulas de identidade em sinal de repúdio, me questiono novamente.

Por sorte, são esses os últimos pensamentos feitos aqui na ilhota. Meu sonho de ir embora se realizará em menos de um ano. Para onde? Para longe da ilha na qual sou o nome de outras pessoas, onde todos os esconderijos são previsíveis ou inalcançáveis. Fecho os olhos e vejo montanhas, estradas amplas e longas, vou andando para um horizonte finito, e ao longe talvez veja isso que se chama savana, e uma cidade e mais outra, e continuarei avançando, pois avançar deve ser nunca voltar ao mesmo lugar. Me pergunto como será experimentar o silêncio e o frio ao mesmo tempo. Na minha casa e no carro sempre faz 21°C, então o pior dos meus infernos é no colégio, e ocorre especialmente depois do recreio, às nove e meia da manhã. Entre as páginas da minha enciclopédia procuro Suécia, Rússia, onde exista neve, estrelas diferentes, bosques nos quais é possível se perder, e loiros

rosados como Carol e seu irmão. A casa do lado ainda está vazia desde que eles foram embora...

Não me lembrava desses vizinhos. Cristina, a mãe, gostava de andar pelada o dia inteiro, talvez porque não suportasse o calor. Os três tinham de sair da ilha para renovar seu visto de residência a cada seis meses, iam ao Panamá e voltavam no mesmo dia ou no dia seguinte, e assim o fizeram por um par de anos, até que a OC-CRE, o escritório de controle de circulação, não os deixou entrar de novo. O que aconteceria com suas coisas? Eu não tinha nem ideia. Senti saudades do rosto deles durante um tempo, mas permaneceu na minha memória a cara estranha da ruiva Justyna, que cresceu olhando para o mar de Gdansk, e me ensinou com seus lábios finos a dizer o quase impronunciável “oi” no seu idioma. Também a de Hauke, que tinha acabado de chegar da Alemanha, mas falava o perfeito espanhol da sua mãe raizal; e a de Tamara, uma vienense recém-chegada que também era mestiça, que tentava nos falar num espanhol um pouco mais incompreensível. A polonesa e eu éramos, de fato, as mais brancas da sala. Não havia *cachacos*,<sup>4</sup> teriam sofrido um pouco, e os demais não eram propriamente islenhos: seus pais vieram do continente, e eles só haviam nascido aqui. Éramos apenas vinte e dois estudantes na classe.

Na ilha o passado é muito importante, é uma menção constante no dia a dia. Já fazia uns dois anos que meu pai passara semanas reunindo informação para fazer nossa árvore genealógica. Falava pelo telefone com parentes distantes que conheço só de nome, emocionado pelos parentescos recém-descobertos. Durante o almoço, começou a recordar regularmente sua infância; no passeio semanal para dar a volta à ilha, contava histórias sobre a família da sua mãe, do seu avô, daquele terreno ou daquele prédio. Nós três tiramos fotos 3 x 4 na Fotomar e levamos os documentos a um escritório num segundo andar diante do prédio do governo. Meses depois recebemos uns

---

4 Na região do Caribe colombiano, o termo *cachaco* é utilizado comumente para se referir a todas as pessoas do interior da Colômbia, provenientes de cidades andinas. (N. T.)